

## FITOTERAPIA NO SUS: NOVO MAPA APONTA DIVERSIDADE DE MODELOS

Pesquisa coordenada pelo ObservaPICS revela diferentes modelos organizativos de produção e dispensação de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. O cultivo autosuficiente apoia o SUS e auxilia o desenvolvimento local de comunidades. Estudo construiu mapa localizando serviços e listou 1.405 espécies terapêuticas utilizadas. Leia mais nas páginas 3, 4, 5 e 6.

**REFLEXÃO** - página 7  
Plantas medicinais: cultura, natureza e emancipação do SUS

**EXPERIÊNCIA** - página 8  
Lapacis e ObservaPICS preparam manual de Farmácias Vivas

**PARCERIA** - página 9  
Observatório apoia gestores estaduais para qualificar ações

**CIÊNCIA** - página 10  
A obra de Madel Luz que interessa às práticas integrativas

# PARA CULTIVAR, FLORESCE E PROMOVER SAÚDE COLETIVA

**S**erviços de fitoterapia são realidade em municípios brasileiros, incentivados pelo SUS desde 2006, quando foi criada a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. A oferta e orientação para uso de plantas medicinais também se fortalece com o suporte técnico oferecido por instituições de nível superior em diferentes territórios, sendo os estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais os que concentram mais de 60% da assistência.

Pesquisa coordenada pelo ObservaPICS revela os diferentes modelos presentes no SUS, parte deles só com cultivo e dispensação das plantas, outros com beneficiamento e industrialização de medicamentos. Um mapa interativo com a caracterização por território está disponível no site do observatório desde agosto. Nesta oitava edição do Boletim Evidências divulgamos análises feitas a partir das constatações desse mapeamento, apontando também a busca da autosuficiência local e alguns desafios a serem superados pelas equipes técnicas municipais.

Acreditando na importância do uso das plantas medicinais para salvaguardar a memória dos saberes tradicionais e do conhecimento científico que avança em torno da riqueza botânica brasileira, o ObservaPICS investe num maior compartilhamento de informações sobre a temática. O objetivo é discutir também a relação com a agricultura local, as redes de cuidado nas comunidades na perspectiva da promoção da saúde. Um manual para implantação de Farmácias Vivas, produzido pelo Lapacis/Unicamp (SP) deve ser lançado ainda neste semestre e outras iniciativas em breve serão anunciadas por meio do projeto Repare, criado para expandir e articular saberes em fitoterapia.

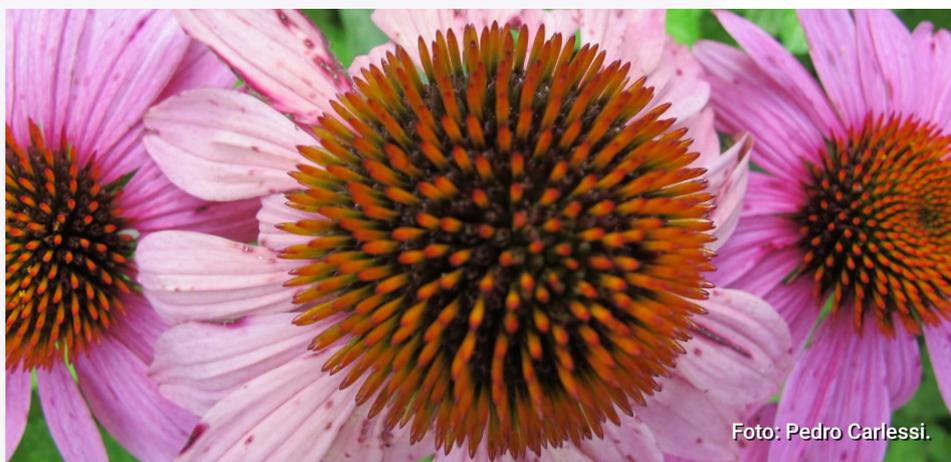


Foto: Pedro Carlessi.

## ÍNDICE

- 3** **Ciência** – Novo mapa da fitoterapia no SUS aponta diversidade de modelos
- 7** **Reflexão** – A fitoterapia, o SUS e o cuidado em saúde
- 9** **Parceria** – Repositório para ajudar gestores das PICS
- 10** **Ciência** – Espaço Madel Luz reúne obra da pesquisadora de interesse das PICS

## EXPEDIENTE

**Evidências** é o boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde, com sede na Fiocruz Pernambuco\*. A publicação é digital e pode ser acessada gratuitamente pelo site <http://observapics.fiocruz.br/boletim/>. É permitida a reprodução das informações aqui divulgadas, desde que citada a fonte, sendo proibido o uso para fins comerciais.

### Equipe Responsável

**Islândia Carvalho** (Coordenação geral), **Maria Eduarda Guerra**, **Gisléa Ferreira** (assistentes da coordenação), **Veronica Almeida** e **Fabiola Tavares** (redação e edição), **Bruno Leite** (diagramação).

### Conselho Editorial

Pesquisadores **Adriana Falangola** (UFPE), **Bernardo Coutinho** (UFC), **Carmem Verônica Abdala** (BVS/MTCI), **Charles Tesser** (UFSC), **Daniel Amado** (Rede MTCI), **Daniilo Guimarães** (USP), **Islândia Carvalho** (Fiocruz PE), **Joseane Costa** (Unifesspa), **Madel Therezinha Luz** (UERJ), **Maria Eduarda Guerra** (Fiocruz PE), **Nelson Filice de Barros** (Unicamp) e **Paulo Basta** (ENSP/Fiocruz).

\*Fiocruz PE - 4º andar, Sala 8, Campus da UFPE, Cidade Universitária, Recife-PE. Contato preferencialmente pelos e-mails [coordenacao@observapics.com](mailto:coordenacao@observapics.com) e [divulga@observapics.com](mailto:divulga@observapics.com) (este último para assuntos do site e do boletim).



@observapics



@observapics



@observapics



[divulga@observapics.com](mailto:divulga@observapics.com)

# PRODUÇÃO E DISPENSAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS EM DIFERENTES MODELOS



Foto: Pedro Carlessi.



Foto: Pedro Carlessi.

O cultivo de plantas medicinais e o preparo de fitoterápicos é uma realidade em 35% dos municípios brasileiros que ofertam serviços de fitoterapia no SUS. Uma proporção menor, de 25%, dedica-se exclusivamente ao plantio e 16% fazem isso de forma associada a atividades de beneficiamento, como desidratação e fracionamento. Outros 13% dedicam-se à dispensação de medicamentos fitoterápicos, industrializados ou manipulados em farmácias terceirizadas pelas Secretarias Municipais de Saúde. E 11% adotam a manipulação sem fazer o plantio.

Esses cinco modelos organizativos são revelados na pesquisa [Mapeamento da fitoterapia no SUS: dos itinerários do saber às alianças do fazer](#), realizada entre agosto de 2020 e abril de 2021. O estudo analisou 555 municípios brasileiros, identificados a partir de dados do Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde e por meio de consulta às Secretarias Estaduais de

Saúde. Desses, foi possível caracterizar com mais detalhes 456, cujos responsáveis técnicos responderam um questionário abordando as atividades realizadas, o modo de contratação de pessoal, valorização dos saberes tradicionais e da comunidade local, como também a relação com a agricultura familiar. Foram ainda visitadas experiências em territórios do Maranhão (foto 1), Santa Catarina (foto 2) e em São Paulo.

O relatório do mapeamento, assim como o banco de dados do estudo e um mapa interativo da distribuição dos serviços municipais estão disponíveis no site do ObservaPICS. Podem ser acessados a partir de uma [página especial do projeto Repare](#), inaugurada em setembro e dedicada ao compartilhamento de informações sobre fitoterapia, agroecologia e redes de cuidado. “Estamos em acordo com a política de Ciência Aberta adotada na Fundação Oswaldo Cruz, da qual fazemos parte”, explica Islândia Carvalho, coordenadora

do ObservaPICS. Além de disponibilizar os dados, o roteiro e relatório analítico foram discutidos previamente com um grupo de especialistas, formado por pesquisadores dedicados à temática da fitoterapia e gestores das políticas de PICS e de plantas medicinais.

Criado em 2018, o observatório nasceu com a missão de apoiar o SUS na implantação e avaliação da Política Nacional de Práticas Integrativas (PNPIC), desenvolvendo estudos, promovendo articulações e divulgando evidências práticas e científicas em torno das PICS. O novo mapa da fitoterapia está sendo lançado quando a PNPIC e a Política de Plantas Medicinais completam 15 anos de vigência.

O **Mapeamento da fitoterapia no SUS** foi realizado pelo pesquisador Pedro Crepaldi Carlessi, doutorando no Programa de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Além de coordenar o estudo, o ObservaPICS cedeu a bolsista Jaqueline Veloso para apoiar Carlessi.

# DESAFIOS E VIABILIDADE DOS SERVIÇOS DE FITOTERAPIA EM UNIDADES DE SAÚDE



Foto: Pedro Carlessi.



Foto: Pedro Carlessi.

Dos achados do *Mapeamento da fitoterapia no SUS*, Pedro Carlessi (foto acima à direita) destaca “a predominância do plantio local sinalizando robustez e viabilidade de farmácia viva”. Segundo ele, o cultivo vem sendo realizado nas próprias unidades de saúde principalmente, e em espaços mantidos pelas prefeituras, na forma de hortos terapêuticos, canteiros e jardins medicinais, “institucionalizados enquanto tecnologias que participam da produção do cuidado na rede pública de saúde”, refere o pesquisador.

Os desafios vão desde a ausência de apoio técnico do governo federal ao descompromisso de gestores municipais com a produção da fitoterapia. “Embora haja uma articulação nacional capaz de unir os trabalhadores em uma rede colaborativa para suprir esta lacuna técnico-assistencial, o trabalho concretamente operado nas farmácias vivas exige formação continuada, fomento à produção científica, amparo técnico e apoio intersetorial para que se efetive”, avalia Carlessi. Alguns municípios, segundo ele, fazem convênio com universidades, centros de pesquisa públicos e privados para amparar a implementação. Outros buscam desenvolvimento de organizações tecnológicas próprias e originais.

“No decurso destes 15 anos de PNPIC e PNPMF não houve apenas a dinamização da oferta de fitoterapia pelo território nacional. Há em paralelo um movimento de renovação dos cuidados, dos conhecimentos, das técnicas e tecnologias. Se no passado o conhecimento tecnocientífico subjugou os recursos naturais à dominação técnica e à pretensão universalista do medicamento manifestar a integralidade de seu princípio-ativo independentemente ou com fraca dependência do contexto cultural em que está inserido, há um movimento por reaver esta trajetória”, afirma Carlessi.

Em entrevista publicada no site do ObservaPICS, o pesquisador, que é farmacêutico e investigador visitante na Universidade de Lisboa, afirma estar diante do que chama “de um certo colonialismo às avessas, suficientemente potente para

promover tanto uma reconstrução dos cuidados, como também uma descolonização conceitual do medicamento”. Nesse percurso, “não é o medicamento que passa a ser questionado, mas sim suas relações, buscando encontrar meios institucionais para preservar, a um só tempo, a vitalidade e pluralidade dos modos não-científicos de produzir conhecimento atrelados a biodiversidade, reconhecer e valorizar suas contribuições para a própria ciência”.

A pesquisa coordenada pelo ObservaPICS integra a iniciativa de aproximar os campos da agroecologia e das PICS, com o compartilhamento de saberes promovido pelo projeto Repare. Todos os dados referentes ao estudo estão sendo disponibilizados no site do observatório, na [página do projeto](#). Há tabelas no formato Excel e mapa interativo com a distribuição e caracterização dos serviços fitoterápicos. Um rápido diário de campo, com relatos e registro fotográfico das experiências visitadas também está com acesso aberto. Na foto acima, preparo de fitoterápico em Jardinópolis (SP).

# MAIS DE 1.400 ESPÉCIES BOTÂNICAS IDENTIFICADAS NAS INICIATIVAS MUNICIPAIS



**D**urante a pesquisa que traçou itinerários do saber e a herança do fazer em fitoterapia, o pesquisador Pedro Carlessi coletou 1.405 referências botânicas. Elas foram citadas durante entrevistas feitas com referências técnicas dos serviços de fitoterapia do SUS, posteriormente identificadas na classificação científica e pela taxonomia popular. Predominaram plantas popularmente conhecidas como "Capim santo", "Guaco" e "Espinheira santa", usadas frequentemente para diminuir a ansiedade e problemas digestivos, como broncodilatador e na gastrite, respectivamente.

Entre as plantas que receberam maior número de citações quanto ao emprego terapêutico, estão listadas 24 espécies que juntas somam um terço das inventariadas. "Quando possível, as referências foram agrupadas em função de suas duplicidades sinonímicas, tornando o banco de dados produzido passível de ser manuseado e acompanhado pelo público leitor", explicou Carlessi citando, por exemplo, "erva cidreira" e "erva sidreira"; "Chamomilla recutita", "Matricaria chamomilla" e "Matricaria recutita".

Segundo ele, a opção metodológica procurou evitar sobreposições classificatórias indefinidas e resguardar a

particularidade de cada um dos termos, preservando saberes. "Pode-se dizer que a implementação de serviços públicos destinados à oferta de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos tem priorizado o repertório farmacobotânico indicado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária", avalia.

Para o pesquisador, "além da predileção por plantas padronizadas em listagens oficiais do Estado, há um esforço particular de gestores e trabalhadores dedicados à fitoterapia para incluir no serviço público de saúde as plantas próprias dos territórios de que fazem parte, aliando a promoção da saúde com a valorização e salvaguarda da biodiversidade local". Fotos de horto e capacitação no Maranhão, de erva cidreira e outras utilizadas em Farmácias Vivas municipais.



# PLANTIO E MELHORAMENTO COM CAPACITAÇÃO NO SUS E PARCERIAS LOCAIS



O tipo de farmácia viva e o modelo de oferta de serviços, do cultivo à dispensação de plantas medicinais e fitoterápicos, dizem muito da realidade local do território, dos meios disponíveis e forma de gerir o SUS. A diversidade foi constatada não só nos questionários respondidos pelos responsáveis técnicos, como também na visita de campo realizada pelo pesquisador Pedro Carlessi no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil.

Em Santa Catarina, ele visitou o Centro Municipal de Práticas Integrativas de São Bento do Sul (CEMPICS), que oferece atendimento de aromaterapia, auriculoterapia, reiki e fitoterapia. “Não somos uma farmácia viva, temos um programa de fitoterapia com ervanaria, onde cultivamos e secamos as ervas medicinais para contarmos com elas o ano todo, pois temos geada”, explica Ana Carla Prade, farmacêutica da Secretaria Municipal de Saúde e professora universitária. Segundo ela, são desidratadas 15 espécies, mediante alguns controles de qualidade, como o da condição de umidade.

“Em São Bento do Sul as espécies são cultivadas na área rural pela agricultura familiar ou em estufas e hortos comunitários mantidos pela prefeitura em diferentes bairros do centro urbano”, completa Pedro Carlessi.

No estado de São Paulo, ele participou das atividades da Farmácia da Natureza em Jardinópolis (segunda foto), que produz cerca de 150 medicamentos fitoterápicos preparados a partir de espécies cultivadas no próprio terreno da farmácia. No momento, quatro desses medicamentos integram a rede de atenção à saúde do município”, conta Carlessi.

No Maranhão, foram visitados quatro municípios pelo projeto Farmácias Vivas-Hortos Terapêuticos (foto principal), com foco nos territórios de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e coordenado pela Secretaria Estadual de Saúde. A proposta é o uso da fitoterapia como estratégia de cuidado na atenção básica. “Capacitamos os profissionais de saúde, incluindo os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) para o projeto e também estamos atuando junto a comunidades indígenas para inaugurar hortas



nas aldeias”, explica a farmacêutica Kallyne Bezerra, coordenadora do trabalho e professora universitária. Confira áudio de Kallyne na [página do Projeto Repare](#), no site do observatório, explicando detalhes da iniciativa.

“Aliar a manejo de plantas medicinais à geração de emprego, renda, segurança alimentar, preservação de territórios e paridade de direitos – para além de fazer valer os objetivos da PNPMF – parece ser uma oportunidade histórica para que a institucionalização de tecnologias de saúde no SUS se desenvolva atrelada ao desenvolvimento social e econômico, bem como aos modos socialmente valorizados e culturalmente significativos de tratar e curar a partir da agrobiodiversidade e dos produtos dela originados”, afirma Pedro Carlessi.



# A FITOTERAPIA, O SUS E O CUIDADO DA SAÚDE

Por José Ricardo Ayres



Atendimento em São Bento do Sul (SC). Foto: Pedro Carlessi.

Há muita sabedoria no uso medicinal de plantas e, no entanto, ainda pouco usufruímos dela. Pouco sabemos dessas plantas e suas relações com a saúde, nós, que estamos mergulhados em práticas terapêuticas apoiadas na leitura sobre o adocimento que as ciências biomédicas ocidentais vêm produtivamente fazendo ao longo de séculos. Leitura que se traduz nos fármacos industrializados que consumimos (às vezes excessivamente), como drágeas, soluções, injetáveis, cremes etc. E isso nos parece ser tudo de que precisamos para ter saúde ou, pelo menos, nos recuperarmos das doenças. Com tanta tecnologia nas mãos – muitas vezes não tão perto das mãos – parecemos não precisar de mais nada, a não ser de mais e mais dessas “poções mágicas”, cuja única credencial a nos conquistar a confiança é o fato de terem base científica (o que nos dias de hoje deve ser valorizado e protegido).

Junto com essa confiança, muitas vezes vem, porém, a descrença e o desdém sobre o poder terapêutico de qualquer coisa que não venha nas caixinhas calculadamente dispostas nas cada vez mais atraentes “drugstores”. Mas o fato é que, na prática, sabemos que nem tudo cabe nessas caixinhas, que muitas vezes sentimos que nos falta algo que a medicina *mainstream* não nos oferece, mesmo quando feita com qualidade e responsabilidade. É a percepção ampliada dessa lacuna que fez nascer dentro do SUS, e em conformidade com seu princípio da integralidade do cuidado, o interesse pelas chamadas Práticas Integrativas e Complementares (PICS). Com elas se busca outros tipos de cuidado, sem desconhecer os poderes e a necessidade da boa e conhecida (ao menos no seu *modus operandi*) medicina.

A denominação PICS, diga-se, não é das mais felizes, porque pode sugerir que são apenas “práticas”, e que se justificam tão somente pela integração e complementaridade em relação à medicina hegemônica. O que não se percebe é que, entre as diversas modalidades que integram as PICS, há algumas que não são apenas práticas, e sim saberes no sentido forte do termo, racionalidades enraizadas em outras epistemes, que nos convidam a uma outra forma de entender a saúde, a doença e a própria vida.

Assim é a fitoterapia. É verdade que as plantas podem ser classificadas, estudadas, catalogadas e utilizadas segundo a mesma lógica instrumental da fármaco-

-bio-medicina. Mas está cada vez mais claro que a relação terapêutica com as plantas se enraíza em tradições nas quais elas adquirem um sentido diverso, porque diversa é a própria forma de compreender a natureza e a vida. As plantas medicinais trazem nelas culturas, relações, modos de ver o mundo que não se restringem a complementar ou integrar, mas verdadeiramente abrem horizontes, transformam formas de autopercepção e percepção do viver. Por isso a fitoterapia deve fazer parte do ousado projeto emancipador do SUS! E por isso deve ser levada a sério e estudada. Mas não com os mesmos métodos e critérios dos fármacos biomédicos.

Sabemos ainda pouco da fitoterapia. Começar a mapear e catalogar onde, como e porque se pratica fitoterapia nesse SUS profundo do Brasil é fundamental para começarmos a saber um pouco mais. Apostamos que a fitoterapia possa fazer bem ao SUS. Mas que efeitos terá o SUS sobre a fitoterapia? Que está surgindo e o que poderá mais surgir da fusão de horizontes das diferentes tradições terapêuticas da fitoterapia e da biomedicina? Essa curiosidade já é em si um ganho, uma abertura. Não podemos perdê-la de vista e a presente publicação é um importante passo nesse sentido.



Foto: Divulgação.

**José Ricardo Ayres** é médico sanitário, professor titular do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

# PUBLICAÇÃO ORIENTA COMO CRIAR JARDIM TERAPÊUTICO



Foto: Lapacis/Unicamp/Divulgação.



Foto: Lapacis/Unicamp/Divulgação.

O que é Farmácia Viva? O que é Farmácia Viva-Jardim Terapêutico? Como implantar uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, quais são as etapas e estratégias a serem adotadas, os benefícios para a comunidade e quais são os desafios? Em resposta a essas e outras perguntas, será lançado neste semestre pelo ObservaPICS a publicação **Modelagem para implantação de Farmácias Vivas-Jardins Terapêuticos na Atenção Primária à Saúde no SUS**.

Produzido por Nelson Filice de Barros e Renata Cavalcanti Carnevale, coordenador e coordenadora associada do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, da Universidade Estadual de Campinas (Lapacis/Unicamp), o manual integra a produção de conteúdos do projeto Repare, uma iniciativa do observatório da Fiocruz em articulação com pesquisadores, redes de fitoterapia e agroecologia para compartilhamento de saberes em torno dos dois temas, na perspectiva do autocuidado em saúde, valorização dos saberes tradicionais e no desenvolvimento local.

Em formato digital, a publicação abrange a história da regulamentação de plantas medicinais e farmácias vivas, as etapas para implantar uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico, os benefícios e desafios envolvidos na sua implantação e manutenção, além de estratégias de fortalecimento do projeto e a formação de redes de cuidado na comunidade assegurando a produção e o uso de plantas medicinais. A modelagem foi revisada por um grupo de 17 especialistas em plantas medicinais, políticas públicas de fitoterapia e de práticas integrativas em saúde, vinculados a instituições de ensino superior, pesquisa e outras organizações reguladoras. Valoriza os saberes populares e tradicionais, o uso seguro das plantas medicinais e a formação de redes de cuidado.

Para Nelson Barros e Renata Carnevale, “construir e manter uma Farmácia Viva-Jardim Terapêutico pode ajudar profissionais de saúde a desenvolverem a pedagogia da autonomia, auxiliando as pessoas a compreenderem melhor os temas relacionados ao processo saúde-doença-cuidado e a encontrar os seus próprios recursos para manejar a situação que vivenciam”.

As fotos abaixo compõem a Modelagem e foram cedidas pelos profissionais responsáveis pela Farmácia Viva-Jardim Terapêutico do Centro de Saúde San Martin, da Secretaria Municipal de Campinas (SP).



Foto: Lapacis/Unicamp/Divulgação.



Foto: Lapacis/Unicamp/Divulgação.



Foto: Nelson Filice (ObservaPICS)

# APOIO TÉCNICO PARA PLANEJAR E AVALIAR POLÍTICA DE PICS NOS ESTADOS



Parceria entre o observaPICS e gestores estaduais da área de práticas integrativas e complementares em saúde, com apoio de pesquisadores de universidades brasileiras e especialistas no assunto, está sendo firmada para qualificar ações de planejamento e avaliação da política na rede pública de saúde. Representantes de 20 estados participam do projeto, que deve gerar o **Repositório Informação para a Ação: Construção Participativa para Qualificação da Gestão no SUS**. Novas adesões ainda podem ser feitas.

Participam da parceria referências técnicas ou coordenadores estaduais de PICS das Secretarias de Saúde do Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato

Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Consultores de universidades ou com ampla experiência nesse campo, no SUS, também integram o grupo.

“Nosso objetivo é reunir e disponibilizar informações sobre implantação das práticas baseadas em pesquisa e levantamento de dados gerados pelo ObservaPICS, além das evidências científicas, subsidiando, assim, os estados para a tomada de decisões. Também pretendemos realizar oficinas em apoio ao planejamento e análise. Cada estado se compromete a replicar as atividades para apoiar aos municípios”, explica Islândia Carvalho, coordenadora do observatório.

O projeto está sendo iniciado neste segundo semestre de 2021 e tem dois eixos. O primeiro, em implantação e que termina em novembro de 2021, destina-se à coleta de dados junto aos estados e municípios, assim como à produção de materiais informativos. No segundo eixo, haverá apoio ao planejamento e à avaliação. O ObservaPICS criará um espaço no seu site para o repositório, reunindo informações, documentos e materiais em suporte aos gestores, além de bancos de dados específicos para cada estado. Para se integrar ao grupo, gestores devem ter autorização do secretário de Saúde de seu estado e assinar uma carta de compromisso para execução da parceria. Mais informações pelo e-mail [observapics@gmail.com](mailto:observapics@gmail.com).



# OBSERVATÓRIO INAUGURA ESPAÇO COM OBRAS E AULAS DE MADEL LUZ



Foto: Flávia Freire.

Cientista social e política com vários estudos focados para a área da saúde, e da vida, como ela gosta de frisar, a professora Madel Luz criou conceitos nesse campo e teorizou questões relativas aos sistemas médicos complexos, casos da medicina tradicional chinesa e da homeopatia. Como frutos desse trabalho, cresceram a formação de pesquisadores e de estudos dedicados às práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) e temas relacionados, no Brasil. Em reconhecimento à importância dessa contribuição para as práticas, o ObservaPICS lança, no dia 29 de setembro, o Espaço Madel Luz, reunindo no site artigos, materiais de eventos e aulas (em formato de slides) elaboradas pela docente e pesquisadora das universidades federal e estadual do Rio de Janeiro (UFRJ e UERJ) e colaboradora de outras instituições de ensino e de pesquisa.

Também serão disponibilizados dados biográficos de Madel e entrevista realizada no último mês de agosto, na qual ela fala de si, sobre ciência e desafios das PICS. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas; Impactos da tecnociência nos saberes, na cultura da vida e saúde; A vulnerabilidade dos profissionais de saúde nos serviços públicos; Investigação científica ou prática da pesquisa – ponto zero do entendimento e Seminário integralidades: Racionalidades Médicas e práticas alternativas, complementares e integrativas em saúde - desafios na pesquisa, no ensino, na política são alguns dos títulos escritos por Madel acessíveis no site.

O material posto à disposição foi parte cedido pela própria Madel Luz e parte coletado em plataformas de busca eletrônica, como a Scielo Brasil e a Biblioteca Virtual em Saúde – Rede de Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas Américas (BVS/MTCI). A maioria do conteúdo é acompanhada por links e pode ser baixada para uso em estudos, aulas, pesquisas e apresentações. Eles ganharam capa e contracapa, sendo mantida a elaboração original de Madel.

A reunião desses itens teve por base a proposta de acesso aberto ao conhecimento apoiada pelo ObservaPICS. As obras listadas sem link são aquelas fora de domínio público, ou seja, pertencentes a pessoas e instituições privadas. Na página poderão ser conferidos, ainda, o cordel “Madel Luz: Mulher Cientista na História”, escrito pela colaboradora do ObservaPICS Camila Tenório.

## PIONEIRISMO

Para a coordenadora do ObservaPICS e idealizadora do Espaço, a pesquisadora Islândia Carvalho, a contribuição da professora foi muito importante para análises dos sistemas médicos. “Ao construir categorias teóricas que chamou de racionalidade médica, ela criou um conceito que possibilita analisar sistemas médicos complexos, tais como a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a ayurveda e a antroposofia. O conceito de racionalidade permite a comparação entre esses sistemas e a biomedicina.”

Um dos discípulos de Madel Luz, o professor da Universidade Federal de Santa Catarina Charles Tesser aponta o pioneirismo da pesquisadora na saúde coletiva “ao desbravar um campo muito amplo e internacionalmente reconhecido, sobretudo pelos estudiosos das ciências humanas em saúde”. “No Brasil, efetivamente ela construiu a partir de um projeto de pesquisa inovador, original. Abrir espaço e dar visibilidade a esse tema na saúde coletiva é um legado inestimável. Madel discutia sistemas de saúde, avaliação, política e planejamento das instituições de saúde do Brasil, temas das suas primeiras produções. Ela transita para essa nova área com as pesquisas sobre as racionalidades médicas, dando visibilidade a um tema que ainda hoje tem espaço pequeno e desproporcional, tem pouca visibilidade na Saúde Coletiva, na gestão do SUS e nas instituições formadoras de profissionais de saúde, diante da importância das racionalidades médicas e das PICS na sociedade e para o SUS, especialmente para a atenção primária”.